

Design industrial: quando será valorizado?

Industrial design: when is it value?

Trentin, Adriana Girardelo; Bacharel; Universidade do Vale do Itajaí
adritrentin@yahoo.com.br

Abreu, Bruno Oro de; Bacharel; Universidade do Vale do Itajaí
bruno_oro@hotmail.com

Resumo

O presente artigo relata a importância do Designer Industrial/Produto nas próximas décadas devido à degradação dos bens naturais do planeta Terra, pois cabe a este profissional utilizar materiais e processos fabris adequados para a reutilização/reciclagem, descarte e sustentabilidade de produtos. Sendo assim, é necessária a devida instrução acadêmica para que surjam profissionais capacitados para exercer de maneira adequada a profissão juntamente com a conscientização da população e de profissionais tanto da área de Design quanto de outras. Portanto, torna-se necessária a regulamentação desta profissão para que a produção de bens de consumo ocorra de maneira correta.

Palavras-chave: design industrial, regulamentação, sustentabilidade.

Abstract

The article present relate the importance of the indutrial/product design in the next decade on account of degradation of naturals effects Earth planet, because this profession need to know to use the material and process manufacture adequate to a products reused/recyclabe, cast off, and sustainability. So it's necessary the academic instruction to that there is professionals ability to exercice the form correctely the profession toguether with the conscios of the people and the professionals the designer as other. For this, it's necessary the regulation this profession to that the production of effect consumption strike of way correctely.

Key-words: industrial design, regulation, sustainability.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Valorizar a profissão de designers

Introdução

O planeta terra tem sido referência em abordagens políticas, sociais, dentre outras, quando o assunto é ecologia. Não é novidade o planeta estar em degradação devido à irresponsabilidade da humanidade, composta por consumidores, empresários engenheiros, arquitetos, designers, dentre outros. Tal fato é decorrente da aceleração industrial descontrolada surgida em décadas passadas, onde mesmo com a tentativa de grupos ecológicos recém-formados na época não houve conscientização populacional, como apresenta Löbach (2001, p. 217): as graves dificuldades econômicas do final da década de 1970, em vez de sustentarem o interesse público pela questão ambientalista, acabaram empurrando a ecologia para o segundo plano das notícias [...].

Surgindo uma cultura consumidora compulsivo pelo o que há de mais novo no mercado, ou seja, é um dos fatores do desequilíbrio ecológico atual e favorece o sistema econômico capitalista. Surgindo as seguintes questões: o designer de produto não deveria prever estas conseqüências? O consumidor tem pleno conhecimento do produto que irá adquirir? Estas são perguntas relevantes na produção de um produto, que por sua vez pode conter as respostas no design desenvolvido sem suas devidas preocupações e precauções, ou seja, informações as quais geralmente são ignoradas pelo consumidor e muitas vezes também a ele não transmitidas devido à estratégia de marketing, designers e fabricantes para que o produto seja apenas vendável, resultando apenas ao lucro da empresa fabricante.

Um novo rumo aos designers?

Os designers industriais/produto possuem atualmente o desafio de induzir/aguçar nos consumidores o desejo de compra de produtos onde a principal base de projeto seja a sustentabilidade e as necessidades básicas do ser humano. Assim, não se preocupando apenas com o pós uso, ou seja, apenas por determinadas peças ainda não desgastadas, ou mesmo pela sua reciclagem.

[...] a formação profissional em design requer uma atenção muito especial relacionada às áreas de materiais e sistemas de produção, visto que as decisões na seleção responsável dos materiais de um projeto irão implicar diretamente no bom desempenho de um produto. Neste momento, torna-se necessário um grande conhecimento sobre tais processos envolvidos, pois os frutos de uma escolha trarão consigo uma serie de impactos, positivos e negativos, ao meio ambiente, associados à extração das matérias-primas, pré-produção, distribuição, uso e descarte final dos produtos projetados. (TONICELO; ANTUNES, 2008).

Para que ocorram mudanças consideráveis para com o descarte de produtos/embalagens e sua respectiva reutilização cabe aos diretores de empresas com o auxílio de designers a elaboração produtos adequados tanto aos consumidores quanto a natureza, reduzindo consideravelmente a degradação ambiental nas próximas décadas, além da conscientização de consumidores para com o descarte e re-utilização dos respectivos produtos e a compra consciente.

Designer desunidos

Não basta alguns desejarem que a sociedade torne-se mais consciente das suas atitudes e escolhas de compra se ao decorrer da história os profissionais da área de design têm trabalhado cada vez mais individualmente, a ponto de não possuir nenhuma união entre estes profissionais para que a profissão possa progredir e ser conhecida pela população, como cita Margolin (1998, p. 18):

O design vem perdendo, ao longo dos últimos anos, o sentido do “destino coletivo” da profissão e vem se retraindo cada vez mais à segurança relativa do seu espaço individual, conformando-se com a marginalização progressiva da profissão em um mundo (leia-se, um mercado) ansioso para se ver livre de “ideologias ultrapassadas”, tal qual a ideologia da função social do design que exerceu um fascínio tão poderoso.

Acredita-se que os próprios profissionais da área de design vêm desmoralizando a profissão nos últimos tempos perante a sociedade, pois é comum a população não saber qual é a real função de um designer e mais vergonhoso ainda recém formandos não saberem explicar e/ou defender sua classe profissional. O processo pode ser combatido, chegando-se a uma conceituação nova da natureza essencial do design que possibilite compreender sua “profunda relevância” para a época em que vivemos, como cita Denis (1998, p. 17).

O designer é a atividade que gera planos, projetos e produtos. É uma atividade que produz resultados tangíveis, os quais podem funcionar como demonstrações ou discussões das maneiras em que poderíamos viver. O design está reinventando constantemente os seus objetos de estudo, sua área de abrangência; não se limita, portanto, a categorias antiquadas de produtos. (MARGOLIN, 1998, p. 47)

A necessidade da regulamentação do designer industrial/produto para o profissional, consumidor e meio ambiente

A regulamentação da profissão de designer industrial/produto vem sendo a muito tempo discutida em congressos brasileiros, onde profissionais da área aprovam ou desaprovam de acordo com seu interesse, tais fatos demonstram o desinteresse e/ou falta de conhecimento dos acadêmicos (futuros profissionais em design) e a desunião dos profissionais dessa área, como já citado anteriormente, uma falta de respeito para com sua profissão.

A questão da regulamentação profissional é complexa e multifacetada, mas enquanto alguns designers insistirem em um discurso de exclusão e de privilégios com base não em critérios de capacidade profissional mas em títulos e genealogia, permanecerá a tendência de desagregação e facciosismo que tem afetado de modo tão negativo a consolidação do campo entre nós. (DENIS, 2000, p. 178)

É questionável o conceito dos profissionais que desaprovam a regulamentação da profissão, faça-se por ceticismo ou mesmo por comodidade. Este é um tema de suma importância para o futuro do design e para o equilíbrio do ecossistema que vem sofrendo com atitudes impensadas em projetos.

Como atividade posicionada historicamente nas fronteiras entre a idéia e o objeto, o geral e o específico, a intuição e a razão, a arte e a ciência, a cultura e a tecnologia,

o ambiente e o usuário, o design tem tudo para realizar uma contribuição importante para a construção de um país e um mundo melhor. (DENIS, 2000, p. 223)

Através da regulamentação o profissional pode usufruir de aspectos positivos como honorários por projetos (piso salarial) e/ou até mesmo a defesa de seus direitos para com o mercado e/ou o consumidor. Já o anti-ético poderá ser punido de acordo com seus atos, pois para que ocorra o devido respeito desta profissão, deve-se considerar sua periculosidade tanto quanto outras profissões, onde um projeto errôneo pode causar vastas conseqüências acarretando em problemas ambientais e até na saúde de seus consumidores, tais quais pode-se ver em muitos produtos cujo desenvolvimento ocorreu nestas últimas décadas ou anteriormente.

A sustentabilidade global, talvez seja a equação que se faz entre participação no mercado e poder político, acredita-se que a inovação e o desenvolvimento de produtos são a forma motriz da economia global. O Brasil necessita de melhoria para seu crescimento, pois como cita Denis (2000, p. 223) o país está carente de sistemas de organização coletiva, de clareza na difusão de informações, de planejamento estratégico da produção, de soluções criativas para problemas aparentemente insuperáveis.

Assim, da postura inicial de uma visão imediatista e inevitavelmente consumista de produzir novos bens de consumo, o desenhista industrial passa a ter, nos países em desenvolvimento, o seu horizonte alargado pela presença de problemas que recuam desde situações, formas de fazer e de usar basicamente primitivas e pré-industriais, até a convivência com tecnologias as mais sofisticada e ditas 'de ponta'. Já não há mais lugar para o velho conceito de forma e função do produto como tarefa prioritária da atividade. (MAGALHÃES, 1998, p. 12)

Conclusão

O presente artigo não pretende especificar qual seria a “função” de um arquiteto, de um engenheiro, de um biólogo, de um político para a sustentabilidade global, mas sim reforçar a importância de acadêmicos em design industrial/produto (profissão interdisciplinar) agregarem a consciência de produtos sustentáveis (sendo atualmente fraca ou nula) para que possa surgir uma nova cultura mais humana e responsável pelas atitudes perante ao meio em que se vive; tornando-se um conceito em design literalmente tangível ao ponto de conseguir-se regulamentar, pois a humanidade só tem a ganhar – exigindo dos acadêmicos e do mercado melhores resultados.

Todos conscientes de que o chamado processo de desenvolvimento de uma cultura não se mede somente pelo progresso e pelo enriquecimento econômico, mas por um conjunto mais amplo e sutil de valores. Isto quer dizer que só através de análise e de estudos interdisciplinares, se poderá alcançar a compreensão do conjunto de fatores que serão capazes de configurar um crescimento verdadeiramente harmonioso. (MAGALHÃES, 1998, p.12)

Portanto, assim como existem os devidos órgãos defensores dos direitos de profissões como medicina, direito, entre outros, torna-se necessária a regulamentação desta profissão juntamente com o surgimento de um órgão específico para que mantenham os direitos tanto destes profissionais quanto dos consumidores/empresas, melhorando de maneira considerável

a economia do país, o devido cuidado com o meio ambiente e uma melhor qualidade de vida do consumidor.

Referências

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. 1.ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2000.

DENIS, Rafael Cardoso. **Design, cultura material e o fetichismo dos objetos**. Edição Arcos. Design, cultura material e visualidade. Vol. 1 outubro de 1998.

DORMER, Peter. **Os significados do design moderno. A caminho do século XXI**. Porto: Centro Português de Design, 1995.

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial. Bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2001.

MAGALHÃES, Aloísio. **O que o desenho industrial pode fazer pelo país?** Edição Arcos. Design, cultura material e visualidade. Vol. 1 outubro de 1998.

MARGOLIN, Victor. **O design e a situação mundial**. Edição Arcos. Design, cultura material e visualidade. Vol. 1 outubro de 1998.

MUNARI, Bruno. **Das coisas Nascem as coisas** São Paulo – SP: Ed. Fontes, 1998.